

2

CAPÍTULO

Depoimentos

O projeto Kadila convidou participantes e colaboradores para falar sobre o professor Samuel Aço e essas lembranças ajudam a recompor a pessoa humana, o profissional, o colega e o amigo que ele foi.

Ilka Boaventura Leite

Antropóloga, professora da Universidade Federal de Santa Catarina, coordenadora do NUER e do projeto Kadila.



Figura 2.1 – Visita a Florianópolis, em 2012.

Em minha terra natal, se diz que somente há duas maneiras de morrer: loucura ou de mal do coração. Esse pensamento divide a morte em duas saídas: uma, feita da partida para um outro mundo aqui mesmo; a outra, passando para o outro lado, invisível e desconhecido. Poucos dias após termos conversado longamente ao telefone, Samuel foi acometido por uma crise acentuada pela cucunimaty (dengue) e seu coração parou de bater definitivamente. Nessa nossa última conversa, falamos sobre as gestões públicas de nossas universidades e as nossas inúmeras dificuldades para obter apoio para nossas pesquisas. Das diversas barreiras decorrentes diretamente dos trâmites burocráticos das agências destinadas a nos apoiar, das dificuldades em nossas próprias universidades.

Diante de tantas e tão diversas barreiras interpostas para a continuidade de nossas pesquisas no deserto, o professor Samuel disse-me: “professora, nós seguimos até aqui praticamente pelo nosso esforço próprio, nossa persistência e interesse em desenvolver pesquisas no deserto, tendo que enfrentar todas as dificuldades criadas pelas mesmas instituições que se propuseram a nos apoiar, vamos continuar, vamos seguir adiante, vamos prosseguir...”

Antes de nos despedir, eu mencionei nossa vontade em o entrevistar, em lhe propor que discorresse mais detalhadamente sobre algumas questões para o nosso site conjunto do Kadila. Ele respondeu-me que sim, combinamos então que ele iria começar a tomar notas de coisas que gostaria de falar em seu depoimento e depois poderíamos conversar mesmo pelo telefone e gravar. Isso infelizmente não aconteceu, pois ele veio a falecer poucos dias depois dessa conversa.

Seu desaparecimento não é somente silêncio agora, mas um enorme vazio, um ponto de interrogação sobre o que irá acontecer com o CE.DO. A continuidade do projeto Kadila visa mais que tudo, depois de sua partida, a honrar os compromissos que assumimos com esse importante e visionário pesquisador do deserto do Namibe.

No início de março de 2014, a professora Amélia Mingas, em atenção ao seu colega e amigo Samuel, nos acolheu durante nossa visita a Luanda, e seu apoio foi fundamental para a continuidade do projeto Kadila. Sempre citada e reconhecida por Samuel como nossa possível colaboradora, encontrei a professora Amélia em 2013 em Belo Horizonte, onde iniciamos nossa conversa sobre a participação da linguística no projeto e sua participação através de um acordo de cooperação científica. Essa conversa muito nos encorajou a ir a Luanda em missão de trabalho, e lá discutimos os termos de renovação do convênio da UFSC com a UAN do qual somos hoje as responsáveis. E assim fomos em segunda viagem a Luanda em março de 2014. O professor Samuel, naquela oportunidade, nos acompanhou nas reuniões do projeto, organizou um encontro com os estudantes do Observatório da Transumância e apresentou as candidaturas desses estudantes para virem

ao Brasil, nos levou a conhecer Luanda e seus arredores. Infelizmente, em seguida a esse encontro, esses estudantes tiveram que enfrentar a decepção e o veto da sua própria faculdade. Esse fato muito o constrangeu e abalou. Revelou-me, inclusive, que pretendia buscar apoio em outras universidades, mas isso infelizmente não aconteceu, pois ele veio a falecer dias depois.

O professor Samuel Aço teve, a seu favor, um árduo trabalho diário e de décadas, insistente e persistente, sempre apoiado por sua esposa Teresa, para erguer um instituto de pesquisa e acolhimento de pesquisadores numa região de difícil acesso, onde os falantes das línguas estão pouco a pouco desaparecendo ou em que o português vai dominando a cena da colonização que vai prosseguindo em outros termos. Ele teve a seu favor o pioneirismo e aquele amor todo que devotou ao deserto do Namibe.

A vida no deserto cativou o casal Samuel e Teresa Aço que, depois de criar os filhos, passou a exercer o papel de anteparo dos grupos de pastores esquecidos e desamparados no deserto. Seus esforços se dirigiram para aquela região e se uniram às iniciativas de pessoas e instituições locais para criar projetos de valorização da vida humana no deserto.

Em nosso encontro com os pastores em 2013, pude ver que as pessoas do deserto muito o admiravam e viam nele um parceiro e amigo.

Tendo dirigido a divisão de patrimônio histórico de Angola nos anos após a guerra, foi nessa época que viajou por todo o país vendo as transformações introduzidas pela destruição da guerra, e sobretudo o que restou das culturas locais resistentes aos colonialismos nacionais e estrangeiros. Sua antropologia era, portanto, engajada com a preservação da memória e das culturas locais, com a diversidade cultural e com os direitos dos grupos humanos habitantes da região.

Foi no distrito de Tombwa que ele encontrou apoio para fundar o Centro de Estudos do Deserto, e foi lá que ele recuperou o seu amor pela antropologia. Nos últimos anos, estava licenciado da UAN, dedicando-se em tempo integral a fincar ali uma semente poderosa de valorização dos saberes locais, matriz de empoderamento e manutenção da vida que os diversos grupos familiares transformaram em desafio diário de criar e recriar a vida em movimento no deserto do Namibe.

Samuel Rodrigues Aço iniciou no deserto a sua preciosa colheita, semeando em lugar, a princípio, onde nada se vê, além das areias...

Em homenagem à nossa amizade, em honra ao seu gesto de amor a Angola e ao deserto, deixo aqui a voz do poeta Agostinho Neto:

A TUA MÃO POETA

A tua mão poeta
atravessou os oceanos até mim

A tua mão poeta
encontrou-me sentado na ilha-África
levantada no coração de Lisboa

A tua mão poeta
partiu de mim para mim pela tua voz
pela tua voz ritmada das enxadas
nos terrenos adubados pelo sangue da sujeição
pela tua voz milhões de vozes fraternidade
amor

Situadas para lá das algemas para lá das grades
Sempre livres sempre fortes sempre grito sempre riso

A tua mão poeta
um poeta de amor
escrito com cinco dedos de África
sobre a ânsia humana de amizade e paz

A tua mão poeta
sonorizando o batuque liberdade
entre as cubatas escravas da vida

Tenho-ma na minha mão
e através dela
oferto-me á nossa África.

Buenos Aires, 10 de março de 2015.

Denise Fagundes Jardim

Antropóloga, professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, coordenadora do Núcleo de Antropologia e Cidadania (NACi/UFRGS)



Figura 2.2 – Visita ao NUER, 2012.

O ano era 2012 quando conheci o professor Samuel Aço. Em nossas reuniões, um professor que nos conclamava a inúmeros campos de pesquisa em Angola dizia: “em Angola, está tudo por fazer”. E assim nos animava a conectar mundos. Detentor de uma trajetória de trabalho incansável, interessado em levar para Angola expertises que pudessem reverberar em novos horizontes para o centro de estudos do deserto, compartilhamos a banca examinadora da dissertação de Milena Argenta, uma intensa agenda de trabalho sobre o projeto Kadila em uma única semana.

Trazia em suas mãos uma volumosa coleção de histórias publicadas. Histórias que tranpuseram para a escrita a força das histórias orais e foram transformadas em fascículos. No relato sobre a coleção, outras histórias sobre sua elaboração e veiculação em escolas. Esquecera no hotel, no café da manhã, sua máquina fotográfica. Retornávamos para tal resgate. Onde estava, de fato, a atenção do professor Samuel? Parecia sim situar-se entre o que tinha realizado e o mundo que deveria mover. Não há espaço para a foto que retém o tempo? Mas ele fotografa, e muito. E assim, movendo-se entre esses tempos diversos, coube a mim, aproveitando meu retorno a Porto Alegre, o acompanhar na viagem de reencontro com seus parentes residentes nessa cidade.

Entre trocas de mensagens de texto que eu intermediava através de meu telefone, percebia que havia a grande expectativa do reencontro, que significava a oportunidade de finalmente conhecer seus sobrinhos e reencontrar pessoas que não se viam fazia décadas. Um tempo presente se abria entre a vida levada durante tantos anos em Angola e as relações que iriam ser reencontradas em Porto Alegre.

Como esquecer a data? No dia 6 de outubro de 2012, o voo que partira de Floripa, ao chegar em Porto Alegre, coincidiu com a chegada de nuvens carregadas de uma forte tempestade. Tivera o voo chegado no tempo certo, e não dez minutos antes do previsto, e a tempestade de primavera já teria sido anunciada e detectada pelos radares. Acasos. O início da tempestade, que depois fui dimensionar quanto ao tamanho do granizo e os relatos que calculavam o caos urbano, coincidiu com nossas tentativas de pouso.

Lá de cima, acompanhávamos a decisão do piloto em arremeter por duas vezes e redirecionar nosso pouso para o aeroporto de Curitiba. Justificava que o retorno não seria possível pois várias aeronaves já o teriam feito e, como comentava para tranquilizar a tripulação, “ainda tínhamos algo de combustível”. Bem, não era o suficiente, mas não vou aqui descrever as cenas de “apreensão” e suas nuances dentro da aeronave. Lembro sim do alívio da chegada a Curitiba. Nosso regresso a Porto Alegre se fez poucas horas depois.

Com o avião em solo ainda em Curitiba, com os ânimos voltando “ao prumo”, o professor Samuel, como eu, ficáramos bem mais falantes do que o normal. O então ouvinte dedicado e sereno acabava compartilhando lembranças de outras situações imprevistas, dos aviões na guerra de Angola, que decolavam na vertical durante explosões, e lembravam a turbulência que passáramos – quem sabe, para nos confortar, já que turbulência não é uma guerra.

Hoje, quando sento nessa cafeteria em Brasília, antes de tomar um voo que faz escala em Floripa para chegar a Porto Alegre, é inevitável retornar à lembrança de viver turbulências e sobre as atitudes de vida que testemunhamos. A expressão sorridente e serena do professor Samuel quando nos dizia “em Angola há tudo por fazer” hoje se transforma em um bom enigma a decifrar. Encontramos no professor Samuel um compromisso com Angola e com o fazer antropológico que merece ser ouvido sem impor grandes diferenças entre as duas proposições e que nos desafia a superar essas nuances e inúmeras fronteiras.

Quanto à serenidade do professor Samuel Aço, não sei muito sobre ela. Imagino que expresse algo de sua grande experiência e capacidade de enfrentar, em sua vida, muitas turbulências. Foi logo aí, de modo justo ou não, que sua presença serena se instalou em minhas lembranças.

Brasília, 05 de maio de 2015.

Cristina Udelsmann Rodrigues

Antropóloga, ISCTE, Lisboa. Co-autora de *Namibe Vasto*, da série Angola Vista, e de *Viagem no Deserto*, com Cristina Salvador.



Figura 2.3 — Encontro com Cristina em Lisboa.

Há antropólogos que ficam para sempre acessíveis porque registram, escrevem e publicam sobre o que sabem. Dos seus estudos e pesquisas, selecionam as descrições e os pormenores, analisam-nas e disponibilizam-nas para o resto da humanidade – ou para quem as quiser também saber – sob a forma escrita, fotografada, desenhada, seja como for. Mas não o Samuel Aço. O que ele sabia só esteve acessível enquanto ele contou as histórias e as suas interpretações das mesmas através do seu olhar profundamente experiente e conhecedor. A partilha ocorria sempre através de uma narrativa cativante, cheia de pormenores e ideias, apartes e explicações mais detalhadas, e sobretudo com ênfases do cômico ou do ridículo de certas situações, da crítica e do realce dos aspectos positivos ao mesmo tempo. Com o Samuel, estava-se sempre a rir, de coisas com piada e de coisas sérias. E das que são as duas coisas ao mesmo tempo. Se calhar a forma como sentia mais confortável a partilhar o que sabia era precisamente através da narrativa. E daí que tenha dedicado a maior parte do seu tempo a ensinar, a transmitir os seus conhecimentos e os dos outros antropólogos em aulas de antropologia teórica e prática, num contexto onde ainda há tanto que saber e fazer saber.

O Samuel andou sempre interessado pela antropologia, pelos estudos africanos, pela cultura. Fazia precisamente o seu percurso de conhecer mais, andando

pelo resto do mundo, quando Angola se tornou independente e teve que voltar rápido, no sentido contrário ao dos aviões que saíam cheios de Luanda, história que gostava sempre de contar. E desde essa altura passou a descobrir o mundo que é Angola. E a cativar outros a fazerem o mesmo. Andou por todo o lado, desde os lugares mais perigosos durante a guerra às profundezas dos musseques de Luanda, sempre a aprender e a ensinar, como não conseguia deixar de fazer. E depois focou no deserto, no Namibe imenso, porque depois de tanto conhecer, há lugares que nos detêm mais a atenção. E foi para lá, levou estudantes e outros interessados, fez uma escola, passou a transportar crianças e adultos para a escola, a ligar uns e outros em sítios remotos com o Curoca, com o Namibe e o Tômbwa, com o mundo.

Preocupavam-no mais, a certa altura, os esquecidos, aqueles a quem não se ligava muito ou que se começava a esquecer, os Vátuas, os Cuísses. E inspirou muita gente, deu ideias sobre como conhecer Angola, não só em termos do saber que realmente interessa como sobre a forma de chegar a esse conhecimento, como falar com as pessoas, como perceber os encontros e os desencontros entre aquilo que é a ciência e as sensibilidades da sociedade e dos indivíduos. Isso o Samuel conhecia bem. Mas só transmitiu, em partes, a uns poucos. Poucos porque há ainda muito por conhecer, não poucos porque tenha sido pouca gente: somos muitos. E um dia tornamo-nos todos Vátuas, Cuísses, lembrados apenas por alguns, por aqueles que de repente se interessam pelas histórias incríveis da existência. Parece mais uma das lições que se tirava sempre daquilo que o Samuel contava.

Lisboa, 2015.

Milena Argenta

Antropóloga, pesquisadora do NUER.



Figura 2.4 – Sessão de defesa da dissertação de Milena, em 2012. Fonte: acervo NUER, 2012.

Pousei em Luanda com a bagagem pesando com incertezas, mas o coração movido por uma euforia juvenil. No aeroporto, os olhos curiosos percorreram aquela confusão de gente e malas cientes de que nada me seria familiar, até avistar de longe a barba branca, que já havia visto em foto, e a boina na cabeça, que lhe era tão característica. O professor me recebeu com um sorriso nos olhos. Não aqueles sorrisos de ocasião, estampados, que mostram todos os dentes. Era um sorriso despretenso e perene, que parecia já fazer parte do seu rosto.

Samuel Aço, como eu o conheci ao longo dos poucos meses que passei em Angola, tinha uma alegria espontânea que animava as tantas histórias que contava, mesmo as mais dolorosas. Um jeito leve de tratar assuntos sérios, de se relacionar com as pessoas, com todas elas. Não achava que o posto de professor universitário lhe conferia qualquer distinção, ao contrário. Gostava mesmo de estar no Namibe, junto aos mucurocas, o melhor lugar para ensinar antropologia aos seus alunos. Dirigindo um caminhão durante horas nos caminhos ermos do deserto, com vinte alunos na caçamba, cansado e sonolento, ele se despertava cantando as batalhas da libertação, a bravura para seguir adiante, inspirada na figura revolucionária do comandante Che Guevara. Impressionava a sua disposição, ao lado de sua companheira Teresa, para se embrenhar naquelas areias, acampar, andar no mato, dormir no chão. Impressionava ainda mais o quanto era

respeitado e querido por todos no Curoca, por tudo que ambos vinham fazendo pela região.

Em pouco tempo, foram imensos os aprendizados que o professor Samuel Aço me proporcionou – olhar uma vez mais, para localizar o verdadeiro valor das coisas. Pensar as culturas sem romantismos e ingenuidade, com o pé na mesma areia onde todos pisam. Fazer antropologia com as pessoas, com respeito a elas, com comprometimento. Acho que aquele sorriso nos olhos refletia o modo como o professor via o mundo, as pessoas, e interagia com elas. É essa a memória de Samuel Aço que levo comigo, e talvez a lição mais valiosa que nós, seus alunos, aprendemos com ele.

Florianópolis, 28 de maio de 2015.

Maria Teresa Miguel Rodrigues Aço

Antropóloga, co-fundadora do Centro de Estudos do Deserto, esposa de Samuel Rodrigues Aço.



Figura 2.5 – Casal Aço em Angola, 2012. Fonte: acervo NUER, 2012.

Eu, Maria Teresa Jose Manuel Rodrigues Aço, nasci em Luanda, em 11 de julho de 1957, no bairro Rangel, na mediação ex-dona Malha. Minha primeira escola foi a Igreja Metodista Unida de Betel, ex-Igreja do Sete; chamava-se Sete porque se encontra no km 7 em Luanda antiga, na avenida Brasil, ex-rua dos eucaliptos, na sala 1. Minha professora chamava-se Luisa na primeira, segunda, terceira e quarta série. Mas, naquela época colonial, havia muita opressão. Os portugueses colonialistas perseguiram a Igreja, que não era reconhecida, chamavam-na de igreja dos terroristas e prendiam os membros e pastores. Tenho essa vaga ideia da época quando polícias, em companhia dos bufos (si pais), indicavam as moradas das pessoas, vinham de madrugada para encontrar e tirar as pessoas da cama, sem os vizinhos aperceberem. Meus pais tiveram que batizar-nos na igreja católica, porque os anos que passei na escola metodista não valeram. Estudei na escola primária 229, no bairro da Terra Nova, estudei também na escola da Liga Nacional Africana, no bairro da vila Clotilde Luanda, estudei na escola Che Guevara em Luanda. Trabalhei no Museu de História Natural como escriturária,

datilógrafa de terceira classe, depois como guia do museu. Trabalhei na Direção Nacional do Patrimônio Cultural, no pelouro da museologia e trabalhei com os antropólogos (in memoria) Henrique Abranches (in memoria) José Redinha.

Foi na direção do patrimônio que conheci o professor (in memoria) Samuel Aço, que tinha vindo do gabinete técnico do Ministério da Cultura. Trabalhei no Museu Nacional de Antropologia, no Centro Nacional de Documentação Histórico e no Museu da Escravatura. Fiz curso básico de tecelagem artística, cerâmica artística no ex-baracão, um estágio de tecelagem, tinturaria em tecido e técnica de batic na Suécia, em Estocolmo. Também fiz curso médio de cerâmica artística na escola média de artes plásticas do Ministério Nacional da Cultura (INFAC). Em 1977, fiquei a morar na mesma casa com o professor Samuel, que estava divorciado do primeiro casamento, junto com o seu filho Tiago Aço, que criei junto com o meu filho Filipe Aço. Em 1980, nasceu Deborah (in memoria), que partiu em 1988. E em 1990, nasceu Luis Isaac Aço. Casamo-nos em fevereiro de 1981, em Luanda, moramos no bairro da Maianga, na rua Antonio Barroso, num prédio que fica perto da bolacha do córrego da zona verde. Em 1977, mudamos para a província da Huila, vivemos na capital Lubango e trabalhamos no Museu da Huila durante dois anos. Regressamos de novo para Luanda em 1979. Em 1982 partimos para Portugal: Samuel teve uma bolsa do INABE e estudou no ISCT em Lisboa. Vivemos no Barreiro, Lavradio, bairro que fica do outro lado do Rio Tejo; moramos também em Vila Franca de Xira, Loja Nova no Casal do Roli. Em 1985, regressamos para Luanda e ficamos a morar no Bairro Nelito Soares, zona 11, rua de Gaia. Em 1988, Deborah partiu, com 8 anos de idade. Em 1990 nasceu Luis Isaac Aço. Como era já habito do professor levar-nos para todo lado onde fosse, foi assim que me surgiu o gosto pelo trabalho de investigação no campo de antropologia.

Entrei em campo antes de existir o curso de Antropologia na universidade, e como o Luis era bebê de 4 anos, ainda não andava na escola, e pudemos acompanhar o professor quando ele foi trabalhar no Sul de Angola, nas províncias do Namibe e Kunene. O professor trabalhou como consultor da empresa Soapro, nos estudos sobre o impacto ambiental e o local da construção da barragem do Rio Kunene. A nossa viagem teve início na província de Luanda, onde partimos de avião para Lubango. Eu e Luis, mais os dois alunos Carlos e Carolino, encontramos o professor Samuel no Lubango, que tinha partido de Luanda de avião para África do Sul, onde contatou a equipe sul-africana que também iria trabalhar no projeto. Deram-lhe uma viatura de marca Land Rover, e ele viajou da África do Sul por terra e atravessou a República da Namíbia, entrando para Angola pela província do Kunene. Nos encontramos na província da Huila, na cidade do Lubango, e partimos para a província do Namibe, onde contactamos o senhor administrador do Tombwoa, senhor João Guerra, que apresentou-nos

o senhor Belchior (in memoria), que trabalhava como diretor do parque nacional do Iona, e o senhor Ambrosio, da segurança do Estado. A viatura já estava equipada com todos os equipamentos para acampar no deserto. Partimos em direção ao Iona guiados pelo senhor Belchior, que conduzia também outra viatura passando pelo Umbu, Salojamba, Espinheira, Foz do Rio Kunene, Iona, Monte Negro. No regresso, passamos na província do Kunene, no município do Koroka, Unkokwoa, e lá encontramos a população Vatuwas. Passamos, novamente, pela província do Namibe, continuamos até a cidade do Lubango e de lá apanhamos o avião do Ministerio de Administração e Território (MATE).

Sempre que o professor tivesse um trabalho de campo, nós o acompanhávamos ao longo dessa trajetória, o que deixou marcas em mim. No segundo ano depois da abertura do curso de Antropologia na Universidade Agostinho Neto, em 2004, vi que era uma oportunidade de aprofundar os conhecimentos no campo da Antropologia. No segundo ano, o professor Samuel Aço começou a levar os alunos de Antropologia a ter contato com as populações do deserto, e como sempre fui companheira inseparável das aventuras no campo e o nosso caçula já era crescido, estudando fora do país, pude continuar a estudar realizando um sonho. Foi assim que participei no primeiro trabalho de campo num inquérito às populações de Njambasana para um estudo sobre o capital social. No início da nossa viagem, a faculdade tinha dado apoio para a compra do material necessário. Quando regressamos ao campo em Njambasana, conheci um casal próximo da nossa base com quem fiz amizade. Hoje, o meu foco de estudo é grupo (Kwise) Kuambundu -- Kwise é um nome pejorativo, segundo o padre e etnólogo Estermann (1983) --, sobre etnografia de Angola.

Florianópolis, 2015.

Margarida Paredes

Antropóloga portuguesa formada em Estudos Africanos e doutorada em Antropologia. Professora convidada da UFBA e pesquisadora do Cria (Lisboa) e do NUER. Está particularmente ligada a Angola porque participou na Luta de Libertação anticolonial.



Figura 2.6 — Viagem de estudos no Namibe. Fonte: acervo NUER, 2012 (doação de Margarida Paredes).

As sementes do projeto Kadila foram lançadas em Agosto de 2010, quando me desloquei ao CE.DO, Centro de Estudos do Deserto, a convite do meu amigo, o antropólogo angolano Samuel Aço. Tinha chegado há poucos meses a Luanda para desenvolver o meu projeto de doutoramento sobre as mulheres na Luta Armada em Angola, e uma deslocação ao sul do país permitia-me não só conhecer o deserto e o trabalho que o meu colega desenvolvia junto das comunidades pré-bantu, como alargar o espaço geográfico da minha pesquisa.

Parti de Luanda junto com duas turmas de alunos de antropologia da UAN, Universidade Agostinho Neto, que se deslocavam ao deserto em trabalho de campo. Fomos de ônibus até a pequena cidade de Tômbwa, onde o Samuel nos apanhou num caminhão de caixa aberta e nos transportou até a aldeia do Kwroca no meio do deserto. Durante a viagem, além da paisagem sem fim de dunas brancas, o nosso estranhamento cresceu quando vimos, ao longe, perdidos na paisagem, um grupo de pessoas a cambalear nas dunas. Samuel conduziu o caminhão em direção ao grupo, que se revelou ser constituído por alguns estudantes da UAN que

foram de táxi para o Kwroca e cujo motorista os tinha simplesmente abandonado no meio do deserto, alegando não poder entrar no Kwroca, porque, segundo ele, era uma aldeia de feiticeiros e bruxarias. A esta lição de alteridade, o Samuel Aço respondeu com grandes gargalhadas. Qualquer situação inusitada era motivo de grande regozijo para este antropólogo que revelava uma alegria imensa de viver.

Samuel Aço e a sua mulher Teresa tinham conseguido criar no Kwroca infraestruturas de acolhimento para os alunos no âmbito do CE.DO, recorrendo a mecenas e patrocínios de grandes empresas para construir as habitações e as instalações do Centro. No dia seguinte à nossa chegada, as comunidades de pastores Kwisses e Kwepes, muito hospitaleiras, fizeram uma festa para nos receber. Bebe-mos e dançamos até que a festa terminou por volta da meia-noite, altura em que fomos confrontados com uma situação que me pareceu de grande perigo. Os pastores não queriam que a festa terminasse, queriam mais bebida e fizeram refém o Samuel Aço, disseram que só o libertariam se a Teresa fosse comprar mais bebida para a festa continuar. Eu e os estudantes víamos o Samuel rir à gargalhada com a situação mas também víamos a expressão de preocupação da Teresa e ficamos divididos entre sentimentos contraditórios. A Teresa teve que acordar um comerciante àquela hora da noite para lhe vender a bebida, e os pastores depois libertaram o Samuel, que continuou a rir e a beber com eles. Foi o confronto com essas identidades descentradas pela festa que me deu a ideia de como seria importante estudar esses povos que o Samuel me tinha revelado nunca terem sido objeto de estudo. Falei-lhe da UFSC, do NUER e da antropóloga Ilka Boaventura Leite, e disse-lhe que ia propor ao NUER enviar alunos de mestrado e doutoramento para estudar os povos do deserto, ideia que o meu colega acarinhou com entusiasmo, mas com algum ceticismo, porque já outros cientistas sociais lhe tinham feito as mesmas promessas sem nada se concretizar. De regresso a Luanda, enviei fotografias e uma descrição do que tinha vivido à professora Ilka, que de imediato propôs um convênio entre o NUER e o CE.DO para formalizar a colaboração entre esses dois centros de pesquisa. Relativamente pouco tempo depois, a primeira estudante brasileira de mestrado a aceitar o desafio, Milena Argenta, partiu em direção ao deserto do Namibe e à aldeia do Kwroca. Após o trabalho de campo, a minha colega defendeu a tese de mestrado na UFSC com a presença de Samuel Aço na Banca, e, no seguimento dessa cooperação, surgiu o projeto Kadila. Foi muito importante que Samuel Aço tenha partilhado essa colaboração entre o NUER e o CE.DO antes de nos deixar, faz agora um ano. Além da saudade que deixou como pessoa e da falta que faz na antropologia, onde ainda tinha tanto para dar, o seu exemplo e a memória desses momentos fundadores também fazem parte da história e do património do NUER e do projeto Kadila.

Cristine Gorski Severo

Linguista, docente do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da UFSC e do programa de pós-graduação em Linguística, subcoordenadora do projeto Kadila.



Figura 2.7 – Foto nas margens do Rio Kwanza, Luanda, 2012. Fonte: acervo NUER, 2012.

Tive a bela oportunidade de conhecer o professor Samuel Aço durante uma missão de trabalho realizada pelo projeto Kadila Brasil-Angola, em março de 2014. Para a minha alegria, foi através das palavras, atitudes, gestualidade e voz do professor Aço que fui apresentada às terras africanas e, mais especificamente, à Angola. Sua voz, suave e leve, compartilhou conosco pequenos relatos e narrativas sobre a história de Angola e sobre a sua história em Angola. Lembro-me do momento quase mágico em que, diante do rio Kwanza e rodeados por um verde contrastante com o concreto de Luanda, pude escutar um pouco as sonoridades da África, através das palavras cantadas – ou do canto falado – do professor Samuel. Curiosamente, a gentileza e leveza de suas palavras contrastavam com sua firmeza e audácia ao nos conduzir pelo trânsito louco de Luanda. Em cada gesto seu era possível perceber a profundidade de um sábio e a leveza de um coração alegre, cheio de amor por sua Angola e pelo deserto do Namibe. Tive poucos momentos de convívio – uma semana de conversas possibilitadas pelo nosso projeto Kadila –, mas o professor Samuel é dessas pessoas que transborda, multiplicando o tempo e costurando fragmentos de histórias que eram aqui e ali compartilhadas. Aliás, para ele, o tempo parecia outro. O ritmo acelerado de Luanda parecia contrastar com seu ritmo interno. O deserto parecia habitar a alma do professor

Samuel, pela transumância de ideias, pelos sonhos e pela imensidão do seu pensamento. Tive a honra e alegria de escutar a África, no jeito africano, pela voz de um de seus griots. Voz que, acredito, ainda ecoa nos corações e mentes daqueles que conviveram com o professor Samuel. E assim a sua memória se mantém viva, não apenas pelas palavras, mas pelas sonoridades que ecoam pelo deserto.

Florianópolis, 28 de maio de 2015.

Abel Noé Miguel Pedro

Membro do CE.DO – UAN e pesquisador intercambista do Projeto Kadila/CAPES – AULP.



Figura 2.8 – Viagem com estudantes da UAN, 2010. Fonte: acervo do autor.

“Esse Professor é louco! - assim não deve bater bem”. Foi exatamente assim que falei quando conheci o professor em março de 2010 no segundo ano do curso de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto. Era uma quarta feira, e como era habitual, estávamos à espera do professor, e vimos entrar o pai natal, velho, branco, de barba grande branca e calvo. Assim que chegou, foi falando da diferença entre o gabinete e o campo. Por mais que existissem outros professores, era ele o que mais se aproximou dos estudantes. Às vezes nos indagávamos se o professor não tinha mais nada a fazer, porque ele, quando começava uma conversa, perdia ou esquecia a noção de tempo, podia falar por horas; muitas vezes, de forma irônica, dizia “assim já começamos as jornadas de conhecimentos dinâmicos”. Antropologia era para os olhos de muitos o curso menos convidativo, pois sempre que havia ofertas de emprego eram favorecidas outras áreas; para antropólogos, nem um fio de cabelo. Era quase unânime o pensamento de que, após terminar a licenciatura, deveríamos fazer um mestrado em administração ou em ciências da comunicação, mas, durante as au-

las com o professor, nossos olhos se abriam para outros horizontes – a mim, particularmente, a questão de identidade e orgulho por pertencer a esse maravilhoso país da África austral cujo território é habitado por um mosaico étnico-cultural tão vasto e lindo: Angola.

O Professor Samuel Aço sempre se referiu a Angola como unidade na diversidade, levou-nos a analisar as relações interétnicas existentes em território nacional. Apesar dos longos anos de guerra civil, o angolano é bem-vindo em qualquer parte do território nacional, e não são comuns crimes de ódio. O professor fazia um esforço para mostrar-nos o que há de mais lindo em Angola (a solidariedade entre os povos), desde a desvalorização do cidadão nacional ao tráfico de influências, o desvio de recursos naturais, a má distribuição das riquezas, até a alienação pelo branco eram por ele explicadas de várias formas, onde ficava visível a ideia de que maldade ou injustiça, bem como a desigualdade social, não está na diferença, não está no outro, mas nas maneiras como lidamos com ela e na vontade de valorizar as semelhanças. Para descontrair ou acalmar os ânimos, contava histórias ou fazia relatos de eventos ou personagens que tiveram ligação com Angola na era colonial e pós-independência, desde Alves dos Reis, o aldrabão e burlador do século, até os voos da força aérea nacional, em que eram constantes as aterrissagens em territórios desconhecidos, bem como algumas personagens do fraccionismo (movimento rebelde dentro do MPLA que originou o banho de sangue que condicionou e intimidou a participação da juventude na vida política fora do partido no poder, também conhecido como 27 de maio 1977). Por várias vezes repetia “ainda podemos chegar longe e nos agigantarmos”, sem esconder sua tristeza quando o questionávamos sobre as constantes impunidades vistas a olhos nus em que eram privilegiadas altas patentes dos ministérios do interior e da defesa e seus filhos. Ele afirmava que “essas e outras vergonhas mancharam por muito tempo o orgulho de ser angolano”.

Sou jovem, o sexto de uma família de nove irmãos, filho de um militante do partido MPLA. Tive a formação básica e média em boas escolas, sou técnico médio de eletricidade, estando a cursar Antropologia na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, a única com esse curso em Angola. Sendo pública, o acesso era mais rígido, e foi fruto das oportunidades geradas no seio familiar. À necessidade de independência financeira para afirmação pessoal (emprego), aliei a formação média ao curso técnico de segurança no trabalho, com o qual consegui apresentar um projeto de formação em proteção do patrimônio público e segurança no trabalho, criando desse modo o meu próprio negócio em 2009, e leciono em um colégio no ensino secundário.

Dizia o prof. Aço: “Não existe orgulho sem dignidade. Ao apoiarmos a diminuir as necessidades de quem não pode por si só fazer face às adversidades socioeconômicas e naturais, estaremos a contribuir para o desenvolvimento sus-

tentável do nosso povo, e as formas e modelos de apoio são variados e distintos”. De maneira a contribuir no restauro do nosso orgulho, convidou-nos a visitar, em 2010, o Centro de Estudo do Deserto (CE.DO). Eu já sabia que o velho era louco e sem trabalho sério pelos vistos, depois era professor no curso de antropologia!!! Nada podia me assustar vindo do kota Aço. Mas vi algo diferente nele assim que cheguei ao deserto do Namibe pela primeira vez, e passei a considerá-lo de outro jeito, pois vi um nível de humanidade naquele homem que me fez me tornar seu discípulo, e decidi seguir suas pisadas. Os vários grupos étnicos que habitam aquela região do sudoeste de Angola possuem particularidades próprias, e o que me chamou a atenção foi que, apesar de se preocupar com todos os grupos, o seu olhar e cuidado recaiu sobre os mais vulneráveis: aquelas comunidades ou grupos considerados sem terra, sem riquezas, sem cultura; para muitos, não podiam ser considerados pobres, mas, sim, miseráveis: kwissis, kwepes, vatwas e kamusse-queles. O apoio dado a essas comunidades era acompanhado pelo discurso de igualdade “também são angolanos como nós” e levou-me a identificar-me com a causa do CE.DO e estar disponível para ajudar e oferecer suportes básicos para as comunidades, sendo monitor de alguns cursos e auxiliar de campo.

Por meios próprios, não tínhamos como circular por toda área de jurisdição do Centro de Estudos do Deserto (CE.DO), que tem sua sede na aldeia de Nd-jambasana, no município do Tombwa, na Província do Namibe. Sendo objeto de estudo do CE.DO as populações das zonas áridas e semiáridas de Angola, isso implica dizer que atuará não só na província do Namibe, mas em outras também, tais como Huila, Kunene e, por vezes, Benguela. Sabendo que a seca obriga as populações a fazerem movimentações cíclicas, tornando cada vez mais complexo o estudo das populações (pois nessas movimentações são visíveis o deslocamento de pessoas e animais, o que chamamos de transumância), o Professor Samuel Aço, criou o projeto Observatório da Transumância, que, segundo ele, seria um instrumento de registo das migrações de pessoas e animais, permitindo seu estudo e avaliação de quantidades e de regularidades, o seu itinerário, destinos, permanências etc., tendo em vista a definição de espaços reservados a essa atividade que não poderiam ser alienados nem destinados a outro fim. Buscou-se conhecer as necessidades das pessoas envolvidas em termos de alimentação, água, saúde e educação (escolas), sem interferir no que são seus usos ancestrais, em particular os conhecimentos que possuem sobre essa organização assaz e complexa. O projeto Kadila nasceu de uma parceria estratégica entre o CE.DO e o NUER, com o cunho da Universidade Agostinho Neto (UAN), por Angola, e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pelo Brasil, o qual me favoreceu a presença no Brasil na Universidade Federal de Santa Catarina, onde tenho assistido aulas de disciplinas desconhecidas por mim até então, como Antropologia dos Objetos, Identidade e Diversidade, bem como Prática de Escrita em Antropologia e outras.

Tenho ainda a oportunidade de acompanhar laudos para territórios quilombolas como pesquisador/intercambista do projeto Kadila – Capes – AULP, que tem movimentado estudantes e pesquisadores entre os dois países num intercâmbio, aumentando assim o diálogo entre Angola e Brasil.

Os primeiros passos

Foi com grande satisfação que recebi o convite para participar numa missão de pesquisa integrando a equipe de pesquisadores do CE.DO, que se dividiu em duas para melhor economia do tempo. A missão teve lugar no deserto, nas regiões de Mbwo e Tchiteté, e culminou com a realização do primeiro relatório do Observatório da Transumância, em 2013. Participaram da equipe seis pesquisadores, o que muito alegrou o professor no final do trabalho, desejando que a mesma se mantivesse, mas a falta de recursos financeiros coloca em causa a permanência em campo dos pesquisadores. Lembro-me que era por volta das 21 h quando recebi uma ligação do professor pedindo que reunisse uma equipe com pessoas idôneas e dispostas a enfrentar o campo em 15 dias, e vale realçar que o professor não ligava àquela hora. Sendo assim, de imediato, na mesma noite, mandei mensagens a dois colegas com quem eu sabia que podia contar: eram eles Albino Germano Chaves e Avelino Quarta. Ambos haviam sido meus colegas de turma, eram pessoas super motivadas e de imediato responderam afirmativamente e se predispuseram a localizar outros mais. Era suposto sermos uma equipe de dez elementos, mas era princípio do ano, e havia, para alguns, correrias por matrículas para os filhos e, para outros, por empregos; por esses e outros impedimentos, só conseguimos a presença de mais dois, que eram a querida Josefina de Fatima Bento e Daniel Augusto – ambos finalizavam o curso naquele ano. Fomos acompanhados pela pessoa a par do professor mais bem recebida naquelas comunidades, sua esposa Teresa Aço (tia Teresa) que jogou papel fundamental na equipe. Vou fugir propositadamente do assunto agora sem que seja uma fuga para mim! Falar do CE.DO ou dos projetos do professor referentes ao deserto é impossível sem referenciar e evidenciar o papel participativo na construção e manutenção dos mesmos. Ouvi varias vezes este ditado “por trás de um homem tem uma grande mulher”; por mais que não se use muito, pelo conceito de igualdade, era o que se podia a olhos nus observar e sentir, porque desde a primeira vez que fui a campo no Kuroca, fui recebido acomodado e orientado pela tia Teresa. Era ela a pessoa que cuidava do centro e mantinha a ordem, era ela quem mais tempo fazia com as comunidades a serem estudadas, de tal modo que não se entra no deserto para recolher informações credíveis sem a participação dela; sou categórico em afirmar: não existiriam sem ela. Se tivesse que apontar qual foi a melhor escolha do professor, eu diria que foi ter casado com a tia Teresa; e qual a maior falha? Não

ter cuidado da formação dela como ela cuidou dele, apesar de a apresentar como esposa e colega... Recebíamos orientações de tempos em tempos por telefone (telefone satélite por falta de redes na região), pois o professor estava em Luanda a resolver assuntos ligados a uma consultoria – era muito solicitado por órgãos do estado e por empresas ligadas ao setor privado. Apesar de não ser 100% a favor, integrou a equipe de consultores para o projeto de sedentarização dos povos nômades, e, como fruto da minha participação na missão anterior e total disponibilidade, recomendou o meu nome para participar do mesmo projeto, fazendo parte da equipe de antropólogos. Fizemos levantamentos em vários municípios na província da Kunene, mas o grande objetivo do professor era na realidade atingir a vila de Onkokwa, onde, por sinal, era seu desejo instalar a sede do Observatório da Transumância. A minha participação na primeira parte do projeto de sedentarização dos povos nômades tinha como objetivo recolher informações sobre as áreas e rotas de transumância na província do Kuenene. No meu regresso, conversamos sobre as dificuldades de acesso à vila de Onkokwa, bem como a necessidade de expandirmos as nossas equipes de pesquisadores. Nesse ponto, era visível um punhado de desânimo em sua fala, os ombros descaíam, e ele dizia: “os nossos pesquisadores não querem vir para o deserto”. Por vezes, a voz calava-se, e ficava em seu rosto a expressão de querer fazer mais...

Eram constantes as solicitações, as viagens em que era convidado como docente ou consultor, mas seu coração estava no CE.DO. De maneira a garantir que obteríamos conhecimentos científicos, usou um endereço eletrônico que servia como uma base de dados para abastecer-nos de textos e livros científicos e organizava alguns retiros no seu recanto, longe da arena de gladiadores que é o trânsito em Luanda, junto à barra Dande. Encontrávamo-nos no sítio da lagoa Katary, cercada de montanhas, e fazíamos nossos almoços, que eram precedidos de muito boa conversa. Volta e meia o professor lembrava da necessidade da criação da associação angolana de antropólogos, falava de independência de pensamentos, enfatizava a necessidade de uma antropologia angolana onde os “objetos” (nosso povo) tivessem sua voz amplificada nos textos antropológicos; suas palestras enraizaram em nós o desejo e a certeza de que queremos ser antropólogos e trabalhar em antropologia. Em volta do local onde estávamos reunidos enquanto comíamos e conversávamos havia muito capim, e quando alguém questionava se ali apareciam alguns animais, o professor, na maior das calmas, respondia: “nem tanto, aparecem algumas cobras cuspidoras de quando em vez!”.

Era unânime a ideia e a certeza de que o velho Aço não batia bem...

Florianópolis, 2015.



